

O ENSINO DA LITERATURA NO SEGUNDO GRAU¹

Nesta minha fala, destacarei algumas questões que trago para discutir com vocês que se relacionam ao ensino da literatura no segundo grau, fruto não apenas da minha vivência como professora, mas também resultado de leituras e reflexões que me parecem pertinentes ao assunto em pauta.

Todos nós, quando estamos diante de conteúdos programáticos de literatura para passar aos nossos estudantes, a primeira coisa que nos vem na mente é: Quais os objetivos que pretendemos obter no ensino da literatura? Que resultados esperamos atingir?

Via de regra, no segundo grau, o texto literário é mais utilizado como plataforma para transmissão de outros conteúdos quais sejam: aprendizagem da expressão escrita, sobretudo fatos da norma padrão da língua, estudos teóricos sobre estilos de época e de autor, gêneros literários, relegando a segundo plano ou simplesmente não dando importância à gama de potencialidades que o texto literário oferece.

Tradicionalmente, o ensino da literatura no segundo grau tem se voltado para questões teóricas na tentativa de explicitar para o aluno o objeto de estudo iniciando pela sua conceituação, definição de estilo, de gênero literário, conceitos difíceis de serem assimilados pelos colegiais e pouco atraentes para quem está começando a adentrar nessa seara. Outra questão delicada é que esse ensino é direcionado na perspectiva historiográfica, ou seja, a matéria "organizada em blocos de textos e de autores e de tendências", buscando características que configuram os estilos de época, dando idéia de uma linearidade que não existe. Dessa forma, buscando uma seqüência temporal contínua, lógica de fatos em que os textos mantêm entre si uma relação de causa e efeito. Parece assustador romper essa seqüência temporal, evolutiva, em que o mais simples se toma mais complexo. Analisando esse sistema evolutivo vemos que ele só é lógico porque as escolhas que fizemos são coerentes com a linearidade que se quis traçar, diz Eneida Cunha quando trata desse assunto. Pergunto então: A subordinação à linearidade e ao conceito de evolução literária, da perspectiva tradicional, constitui o modo mais eficiente de abordar a produção literária na contemporaneidade?

¹ In: Simpósio Nacional de Ensino e Pesquisa de Folclore. São Paulo: Fundação Cultural Cassiano Ricardo / Fundação Nacional de Folclore, 1992. v. I. p. 70-76.

Os requisitos que são utilizados para identificar um texto literário não são os mesmos no decorrer dos séculos. "A literatura - como os demais fatos da cultura - é um fato histórico" que ao longo do tempo foi pensada, produzida e lida de forma diferente. Os manuais de literatura, via de regra, a conceituam sem levar em conta os diferentes modos de existir e o sistema de valores de cada época. Traços de determinada época por vezes são concebidos como inerentes à própria natureza literária. Para isso, basta deter o olhar na produção literária de duas épocas. Por exemplo: a produção literária do final do século XIX e a da 2ª. década do século XX.

Outra questão embutida na conceituação diz respeito à natureza ficcional do texto, opondo ficcionalidade com o que é real, ficção entendida como o que é concebido exclusivamente da imaginação do autor, o que conflitua com a produção de diferentes momentos em que a realidade como matéria prima é o objeto da obra. Para exemplificar, basta deter o olhar na produção da segunda fase do Modernismo brasileiro, o romance nordestino de 30.

No meu entender, o ensino da literatura no segundo grau não deveria partir de conceituações que buscam privilegiar a autonomia ou a especificidade do texto literário. Uma coisa deve ficar bem clara: o estudo da literatura nesse nível não objetiva formar especialistas no assunto. Geralmente o estudo começa teorizando fatos literários (gêneros, estilos etc.) que o estudante não conhece para em seguida abordar textos produzidos por um modo de escrever, de sentir e de pensar que lhe são estranhos porque não são os da sua época. Em decorrência dessa metodologia e organização dos conteúdos, o estudo da literatura toma-se uma atividade desmotivadora, ao invés de prazerosa. É necessário passar o entendimento de que a literatura é uma arte como a música, a pintura, e que por isso pertence ao domínio da comunicação estética, ou seja, ao domínio da sensibilidade. Um texto lido mexe com diversas sensibilidades tanto do autor, do professor e dos estudantes, mexe com emoções e sentimentos, com recepções diferenciadas em um mesmo texto.

O estudante, por estar mergulhado em um presente que lhe é desafiante e absorvente, tem pouco interesse por produtos de épocas passadas que, além da dificuldade de linguagem, essa produção não desperta interesse a não ser que esteja articulada de alguma maneira com o momento presente. O estudo das obras deveria ressaltar as intersecções da literatura com a vivência do aluno e com outras formas de expressão e de disciplinas. O estudo de fatos do passado deveria ser feito partindo sempre das experiências, das expressões ou produções do presente, contemporâneas do estudante.

Parece-nos que para um trabalho mais eficaz no segundo grau, se deveria partir do aspecto temático, articulando como outras épocas sentiram, pensaram e principalmente se expressaram sobre aquele tema. (Por exemplo, o nativismo; ou imagens do sertão em diferentes momentos, como foram construídas/desconstruídas). É recomendável não selecionar apenas obras e textos canônicos. É a oportunidade para se introduzir textos e assuntos pouco tratados e muitas vezes desconhecidos do estudante e que possam despertar o seu interesse. A nossa condição multiétnica engendrou um valioso acervo de manifestações culturais, natural campo de pesquisa e estudo, laboratório a ser utilizado para o estudo e a interpretação do significado dessas diferenças. Essas situações de interculturalidade se configuram hoje não apenas através das diferenças entre culturas, etnias, raças, mas também pelas maneiras desiguais com que os grupos se apropriam de elementos de várias sociedades, combinando-os e transformando-os, determinando que diferentes sistemas culturais se interpenetrem e se cruzem. Assim as identidades étnicas, regionais e nacionais se reconstróem em processos de hibridização, como nos diz Canclini (1996). Essa condição multiétnica da sociedade brasileira e o imenso e diversificado repertório de cultura popular se constituem importante e significativo lastro para uma prática pedagógica: laboratório para pesquisa de campo: "boca do povo que tem sido o lugar melhor e mais seguro para esses guardados" (BARRETO, 36).

Com o advento dos estudos culturais na universidade brasileira, os estudos da literatura oral e popular ganham valioso instrumental teórico-interpretativo para as reflexões sobre identidades e suas variadas constituições. Então por que não incluir entre os conteúdos programáticos de literatura textos da literatura oral e popular? Uma abordagem dessa natureza vai proporcionar aos jovens o conhecimento do diversificado e significativo acervo da cultura popular brasileira que constitui o patrimônio cultural brasileiro. A condição multiétnica da população brasileira se constitui um valioso repertório de manifestações culturais, natural campo de pesquisa para o estudo dessas diferenças, laboratório a ser utilizado como instrumento pedagógico.

É dentro dessa ótica que os produtos da cultura popular ganham seu espaço de afirmação. À medida que os professores do ensino Fundamental e Médio conheçam e se envolvam com esse material, vão descobrir a diversidade de formas e a riqueza expressiva nele contidas e certamente visualizarão as várias possibilidades de abordagens como instrumento pedagógico para as diferentes matérias da grade curricular. A descoberta dessa potencialidade vai fazê-los comprometidos com o seu uso na prática docente. Esse professor será o agente de integração da pesquisa e do ensino desse manancial cultural, memória

sedimentada de tantas gerações, culturas e etnias e ao integrar esses conteúdos nos currículos escolares não apenas levam esse saber às gerações mais novas, mormente as cidadinas que quase não convivem com essa forma de conhecimento, mas sobretudo possibilitarão a circulação de um bem cultural que é de todos.

Essas manifestações da cultura popular por integrarem uma rede interdisciplinar, poderão ser utilizadas em diferentes disciplinas ou atividades escolares como Estudos Sociais, Português, Educação Artística, Educação Física, etc. O estudo do folclore poderá entrar ainda como preservação de culturas tradicionais, como educação não formal, utilizado no campo do trabalho e do lazer como de recreação, relaxamento, enriquecimento cultural. Com esses procedimentos se evitaria que o folclore seja entendido como fenômeno isolado da vida e evitaria a distorção de uma prática de ensino mais ou menos generalizada que transformou o ensino do folclore apenas em comemoração de eventos.

As narrativas tradicionais, graças à sua variedade de formas e de temas e do seu caráter adaptativo a cada contexto sociocultural, levadas à prática na escola são a garantia da continuidade dessa corrente transmissora, portadora de marcas identitárias do imaginário poético local. Por outro lado, a prática da narrativa associada ao seu aspecto lúdico e à possibilidade de ser transformada em prática de leitura e de escrita a partir de exercícios vários e de oficinas, aponta um caminho atraente para uma formação do domínio da linguagem e, através dela, dos conteúdos diversificados que a escola pretende transmitir aos seus educandos.

Assim, as histórias se aproximam dos ouvintes, conduzindo-os através dos encadeamentos das seqüências narrativas, proporcionando-lhes viagens através de reinos encantados que se escondem nas terras da sua terra, nas pedras que lhes são, ao mesmo tempo, familiares e desconhecidas, nas curvas dos riachos em que muitos deles já tiveram oportunidade de pescar, quem sabe o mesmo peixe que habita o reino encantado da história. Essa é uma forma de mostrar que o folclore está em toda parte, no nosso dia-a-dia e em todos os segmentos da sociedade.

Aspectos encontrados nos textos orais que podem ser trabalhados na sala de aula pertinentes a estudos de várias áreas do conhecimento (Português, História, Geografia, Ciências, Educação Artística etc.):

- laboratório para pesquisa de campo (na família e entre vizinhos, com pessoas mais velhas e com colegas) e de atividades lúdicas que exercitam a sociabilidade, a solidariedade, o raciocínio (adivinhas – associação de idéias,

desenvolvimento do racional e lógico que aguça o espírito crítico com argumentos);

- o respeito às regras e normas do jogo, à disciplina: aprende a esperar a sua vez de participar. Nas brincadeiras em grupo a criança projeta suas ansiedades e experimenta o mundo do adulto. Brincando, a criança copia modelos e desenvolve a personalidade;
- a abordagem de assuntos que dizem respeito a aspectos culturais da região: os usos e costumes, a paisagem e as preocupações que afligem a todos do grupo: a estiagem prolongada que resulta na falta de água quase crônica; êxodo rural com todas as suas implicações;
- reconhecimento de diferenças lingüísticas relevantes na estruturação de textos escritos e orais; a variação dialetal;
- conscientização da identidade étnico-cultural do grupo: condição multiétnica da sociedade brasileira;
- textos cantados – a melodia e o ritmo;
- teatro – dramatização, explorando a esperteza, a criatividade de personagens e o exercício de técnica de dicção;
- artes plásticas – representação visual do imaginário acionado na interação do contar-ouvir;
- dança – a expressão corporal ao compasso da imaginação e do jogo;
- a sexualidade presente nos contos faceciosos, piadas, anedotas.

Reconhecimento do imenso e diversificado repertório de cultura popular (valorização do patrimônio imaterial), lastro para uma prática pedagógica.

Referências²

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos: Conflitos multiculturais da Globalização**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1996.

BARRETO, Luiz Antonio. **Um Novo Entendimento do Folclore**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1994.

² A versão escrita deste texto estava inacabada e as referências foram incluídas posteriormente para esta publicação. Não sendo localizadas as edições consultadas pela autora, as referências não correspondem às edições citadas. (N. E.)